

CHARLES MAURICE DE TALLEYRAND PERIGORD (1754-1838)



*Mandar não é o gesto de arrebatrar o poder mas sim o seu tranquilo exercicio. Em suma, Senhor, mandar é sentarmo-nos. O Estado, em definitivo, é o estado da opinião pública*

- ♦Clérigo, político e diplomata francês. Ordenado sacerdote em 1779, torna-se abade de Saint-Denis em Paris. Bispo de Autun em 1789, demite-se em 1791 por subscrever a chamada constituição civil do clero. Enviado pelo governo francês como diplomata a Londres em 1792.
- ♦Exilado em Londres desde Setembro de 1792 e nos Estados Unidos desde 1794. Regressa a França em 1796 e torna-se ministro dos estrangeiros do Directório, cargo a que renuncia em Julho de 1799.
- ♦Depois da subida ao poder de Napoleão, torna-se seu ministro dos estrangeiros, de 1799 a 1807, cargo a que volta a renunciar.
- ♦Chega proclamar o seguinte: *com as baionetas, Senhor, pode fazer-se tudo, excepto uma coisa: sentarmo-nos em cima delas. Ora, mandar não é o gesto de arrebatrar o poder mas sim o seu tranquilo exercicio. Em suma, Senhor, mandar é sentarmo-nos. O Estado, em definitivo, é o estado da opinião pública.*
- ♦Com a Restauração de Luís XVIII, torna-se representante francês no Congresso de Viena de 1814-1815. Chega a presidente do conselho e ministro dos estrangeiros nesse ano, até ser forçado a mais uma renúncia em Setembro de 1815.
- ♦Sob pressão dos *ultras*, retira-se da vida pública, a fim de escrever as suas memórias. Mas em Julho de 1830, volta a colaborar com Luís Filipe de Orleães, sendo embaixador em Londres de 1832 a 1834.
- ♦A mestria diplomática de Talleyrand soube constituir, em torno da diplomacia de Paris, na sequência do Congresso de Viena, uma numerosa clientela de Estados Secundários. Na verdade, o Congresso de Viena vem estabelecer novo mapa político da Europa, ao abrigo de uma *balança de poderes* que vai garantir a paz global europeia durante cerca de quarenta anos. Talleyrand considerava,

então, que no Congresso deveriam estar representados todos os Estados: *os mais pequenos e os maiores, inteiramente independentes da força.*

♦Contudo, logo reconhecia que *só as Grandes Potências têm a ver com o todo*, dado que as pequenas apenas deveriam intervir no sistema particular onde se inserissem: *les grandes puissances seules, embrassant l'ensemble, ordonneraient chacune des parties par rapport au tout.*

♦Observa que "um governo legítimo, seja monárquico ou republicano, hereditário ou electivo, aristocrático ou democrático, é sempre aquele cuja existência, forma ou modo de acção são consolidados e consagrados por uma longa sucessão de anos, e diria de bom grado por uma prescrição secular. A legitimidade da potência soberana resulta do antigo estado de posse, da mesma forma que para os particulares a legitimidade do direito da propriedade".

•*Mémoires*, 1891.

Ferrero, *Talleyrand au Congrès de Vienne*, Paris, Bernard de Fallois, 1996.